

**“Eu te darei um coração capaz de me amar”:** Maria de Araújo e o ensaio de uma mística feminina (Juazeiro, Ceará. 1889-1898)

Edianne dos Santos Nobre\*

**Resumo:** No final do século XIX a Diocese cearense instaurou um processo a fim de investigar a ocorrência de um possível milagre eucarístico. Neste trabalho, apresentamos a trajetória da beata Maria de Araújo conjecturando que os depoimentos desta beata estão inseridas em uma tradição mística que tem no Barroco seu ponto alto. Tomando como viés interpretativo a teatralização dos eventos ocorridos com Maria de Araújo, discutimos a partir da sua narrativa, como a experiência religiosa e mística do “corpo sofredor” – enquanto instrumento divino - será traduzida na transformação de Juazeiro como espaço de sacralidade.

**Palavras-chave:** mística feminina, experiência, teatralização.

**“I give to you a heart capable of love me”:** Maria de Araújo and the essay of a feminine mystique (Juazeiro, Ceará. 1889-1898)

**Abstract:** In the late nineteenth century the Diocese of Ceará started a process to investigate the possible occurrence of an Eucharistical miracle related to “beata” Maria de Araújo. In this article, we present the history of “beata” Maria de Araújo inferring that the testimonies of this religious woman are inserted in a mystical tradition that has its high point in the Baroque. Taking the theatricalization as a methodology to understand the events in which Maria de Araújo was involved, we discuss her narrative. We consider the religious and mystical experience of “suffering body” - as a divine tool - that will be reflected in the transformation of Juazeiro as a sacred space.

**Keywords:** feminine mystique, experience, theatricalization.

*[...] queixando-se ela que não sabia amar a Deus, ouviu de Sua boca estas palavras: Eu te darei um coração capaz de me amar.<sup>1</sup>*

Na madrugada de seis de março de 1889, primeira sexta-feira da quaresma daquele ano, na Capela de Nossa Senhora das Dores, após uma exaustiva noite de orações e penitências oferecidas ao Santíssimo Sacramento, o padre Cícero Romão Batista<sup>2</sup> decide

---

Aluna do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nível Mestrado, com área de concentração em História e Espaços. Pesquisa financiada pela CAPES, através da concessão de bolsa. E-mail: e.snobre@gmail.com.

<sup>1</sup> Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In *Cópia autêntica do processo instruído sobre os fatos do Juazeiro*, Arquivo da Cúria Diocesana do Crato, p. 10. Doravante citaremos como “Cópia autêntica...”.

<sup>2</sup> Cícero Romão Batista nasceu na cidade do Crato em 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana. Formou-se sacerdote no Seminário da Prainha em 30 de novembro de 1870 e chegou à povoação do Juazeiro em 1872, permanecendo lá até sua morte em 20 de julho de 1934.

encerrar a noite de vigílias ministrando a comunhão da Sagrada Eucaristia às pessoas que com ele estavam. Ao receber a comunhão a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo é tomada por uma “veemente dor, unida ao mesmo tempo a uma grande consolação da alma”.<sup>3</sup> Em sua língua, a hóstia recém-consumida transformava-se em sangue pela primeira vez e a partir daquele momento ela seria, segundo seus próprios depoimentos, a esposa fiel de Cristo com a missão de “converter os pecadores, santificar as almas e liberar as almas do purgatório”.<sup>4</sup> O Sangue Precioso que ali se derramara “tanto que além do que ela sorveu, parte caiu na toalha e parte caiu mesmo no chão”<sup>5</sup> teria como objetivo fazer daquele lugar “uma porta do céu e um lugar de salvação para as almas”.<sup>6</sup> Segundo o padre Cícero, o fenômeno reproduziu-se durante todo o tempo quaresmal daquele ano “e principalmente as quartas e sextas feiras de cada semana [...] o que se deu também uma vez, no sábado da Paixão no mencionado ano, depois do que passaram a ser diários até a Ascensão do Senhor”.<sup>7</sup>

Em 1891, a Diocese cearense instaura um processo episcopal que teria como finalidade investigar o caráter do fenômeno acontecido com Maria de Araújo no pequeno povoado de Juazeiro, cidade do Crato, sul do Ceará. Esse processo contém os depoimentos de Maria de Araújo, bem como de outras beatas, sacerdotes e pessoas influentes econômica ou politicamente da região, contendo ainda relatórios médicos sobre o estado de saúde de Maria de Araújo.

Neste artigo, nos interessa analisar os depoimentos de Maria de Araújo percebendo-os através do viés de uma mística feminina, vinculada à uma tradição religiosa barroca, na qual são valorizados elementos que marcados por uma lógica escatológica e dramática, próprias do catolicismo penitencial, de herança ibérica. Imerso nesse caldeirão de crenças, o penitencialismo seria uma das marcas principais dessa religiosidade ligada ao catolicismo luso, de forte matriz barroca, que constituiu nos seiscentos os principais elementos que compõem a “construção de identidades culturais nos trópicos” (GONÇALVES, 2005: 25).

Tomando as metáforas teatrais como o eixo de interpretação das fontes documentais, tentamos empreender um exercício de compreensão dessas metáforas ao mesmo tempo em que o teatro (o espaço de Juazeiro) ou a teatralização dos eventos aparece como o fio condutor da nossa narrativa. Neste sentido, tomar a noção de teatralidade como eixo interpretativo é entender: “[...] que as relações estabelecidas entre os indivíduos no espaço por eles

---

<sup>3</sup> Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p. 08.

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 04.

<sup>6</sup> Auto e perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 07.

<sup>7</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 04.

compartilhados, se definem como gestos carregados de teatralidade” (SOUZA, 2007:34).

Acreditamos que os depoimentos que narram os milagres são marcados por uma linguagem teatral que se encaixa dentro de uma tradição - estética e religiosa – barroca. O teatro, não é então, mero palco onde as ações se desenrolam, é um espaço tramado, que vai sendo construído e reconstruído nas ações de seus personagens. O catolicismo ibérico ou luso é, por sua vez, herdeiro de uma tradição contra-reformista que inseriu em suas práticas elementos que reforçaram a hierarquia, mas que por outro lado, também intensificaram o uso de elementos lúdicos na sua linguagem provocando a emersão de novas sensibilidades. A mística (palavra que só foi substantivada no século XVII) seria nesse contexto:

*[...] uma reação contra a apropriação da verdade pelos clérigos que se profissionalizaram a partir do século XIII; ela privilegia as luzes dos iletrados, a experiências das mulheres, a sabedoria dos loucos [...] Ela sustenta que o ignorante tem competência em matéria de fé (CERTEAU apud CHARTIER, 2002: 161).*

É importante ressaltar ainda, que o místico atua dentro de uma tradição religiosa e não é alheio ao aparato dogmático desta, embora seu caráter empírico e aparentemente desligado da ortodoxia causa tensões e conflitos entre o místico e a autoridade religiosa constituída: “Experiencia de los límites, la experiencia mística hay sido com frecuencia, para la autoridad religiosa transgresión de los límites” (VALENTE, 1991: 103). Enfim, a mística em seu cerne engloba as experiências marcadas por uma percepção intuitiva do divino (CERTEAU apud DELUMEAU, 2003: 354). Tomando essas acepções nos deteremos agora sobre a experiência mística de Maria de Araújo, tomando-a como representante das beatas de Juazeiro.

### **Os fenômenos extraordinários de Maria de Araújo**

Nascida em 24 de maio de 1862,<sup>8</sup> Maria de Araújo era costureira por profissão e segundo ela, beata por inspiração divina, já que desde os oito anos ao fazer sua primeira comunhão consagrou-se, segundo seu diretor espiritual, o padre Cícero Romão Batista, como “verdadeira esposa de Jesus Cristo”.<sup>9</sup> A partir daí, outros episódios concorrerão para que Maria de Araújo penetre definitivamente em uma vida de penitência e de entrega ao divino, e o seu confessor terá papel importante, na medida em que a acompanhará tanto em seus

---

<sup>8</sup> Utilizamos como referência a informação fornecida por Irineu Pinheiro em *Efemérides do Cariri* (1963, p. 148) de que a beata haveria nascido em 24 de maio de 1862, às quatro horas da tarde na então povoação de Juazeiro do Norte, sendo filha de Antônio da Silva Araújo e de Ana Josefa do Sacramento, ambos de Juazeiro, e batizada em agosto do mesmo ano pelo vigário Manuel Joaquim Aires do Nascimento.

<sup>9</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p. 03.

sofrimentos quanto em suas graças. É a imagem do *corpo sofredor* do Cristo - elemento fundamental na estética da representação colonial, tipicamente barroca - que ainda estará presente no catolicismo praticado no final do século XIX pelas beatas, e é esta imagem que alimentará as narrativas de Maria de Araújo. Juazeiro passa a atuar como espaço sagrado e assume assim sua função teatral, onde o espetáculo é o do corpo que sofre e que sangra, “el emplazamiento de la propia corporalidad como única garantía de efectividad terrena” (CESAREO, 1999: 452). A reprodução do drama cristológico está ativamente presente nas narrativas de Maria de Araújo e estas elegerão Juazeiro como um lugar que chama à devoção.

Leila Mezan Algranti (1993) ao estudar a vida das mulheres devotas na Colônia chama atenção para a ideia que, os conflitos íntimos, as visões, os êxtases, os sofrimentos e graças são comuns à vida devota. A própria linguagem e as imagens utilizadas pelas mulheres em suas narrativas são semelhantes às narrativas bíblicas; os êxtases são semelhantes aos desses místicos e eles são citados continuamente. De fato, trata-se de uma imitação do exemplo de Cristo, claramente de passagens de sua vida e especialmente, da imitação de sua Paixão. Essas experiências individuais tendiam a reproduzir histórias que são modelos para uma vida casta e de piedade, e certamente, foram essas semelhanças que atraíram a devoção da população.

As beatas respondiam a um dos modelos de virtude valorizados pela Igreja, embora não houvesse um modelo rígido de beata, a vida de devoção e reclusão se apresentava como uma opção de vida para aquelas mulheres “que acreditavam que, para se aproximar de Deus, o melhor caminho era se ausentar do contato com o mundo” (ALGRANTI, 1993: 92). Apesar de não pertencerem a nenhuma ordem oficial, as beatas de Juazeiro, faziam votos de obediência, pobreza e castidade e vestiam hábitos religiosos como os das freiras e além dos votos tradicionais, pautavam sua conduta pela máxima “ora et labora”.<sup>10</sup> Elas representavam, naquele contexto, a maior evidência de participação social feminina, pois atuavam na administração das Casas de Caridade do Cariri que servia de recolhimento para moças e orfanato para crianças carentes. Circulavam ainda com certa facilidade entre os espaços públicos e privados na atuação cotidiana em rezas e novenas, ora na atuação em associações religiosas como o Apostolado da Oração e a Associação do Sagrado Coração de Jesus.

No entanto, essas mulheres não dispunham na maioria das vezes dos recursos eruditos, geralmente são analfabetas ou se escrevem, não utilizam uma linguagem erudita e muito menos uma linguagem ‘autorizada’ e utilizada pela Igreja oficial como o latim. Elas se

---

<sup>10</sup> “*Ora e trabalha*”. Lema das Casas de Caridade caririenses criadas pelo padre Antônio Maria de Ibiapina na metade do século XIX.

utilizam, pois, da sua língua e da sua linguagem, rompendo, portanto com o conhecimento teológico em favor do conhecimento empírico (Cf. SARRIÓN, 2003).

Os sofrimentos e as doenças de Maria de Araújo serão comumente atribuídos ora às tentações demoníacas, ora aos sacrifícios que a beata fazia para melhor servir à Cristo. Esse contexto torna possível que Jesus Cristo, “ensanguentado, cercado de espinhos” tire sua “coroa sagrada” e a coloque na cabeça de Maria de Araújo, dizendo: “Aprende a amar-me”.<sup>11</sup> O primeiro fenômeno físico manifestado pela beata Maria de Araújo foi testemunhado pelo padre Cícero, que diz no seu depoimento:

*Assistia Maria de Araújo ao Mês das Almas, e isso na oitava de todos os Santos de 1883 a 1884, quando sentiu ela que alguém lhe dera um amplexo, ficando impressa no peito uma cruz a deitar sangue, do que fui eu mesmo testemunha. Era a consagração dela à vida de penitência. Nessa vida de união com os sofrimentos de Nosso Senhor, a bem das almas ficou ela até hoje. Oferece-se ela como vítima de expiação pelas almas do purgatório e pelos pecadores em geral.<sup>12</sup>*

A interpretação feita – claramente, pelo próprio padre - de que aquele amplexo de sangue seria o marco da consagração de Maria de Araújo ratifica a ideia de que o ato que ‘inventa’ o espaço sagrado é a repetição da Paixão de Cristo. A solidariedade para com o sofrimento do Senhor faz com que a beata à exemplo de Simão, o Cireneu (Mt 27.32; Mc 15.21-32), ajude Cristo a carregar a cruz que simbolicamente, foi impressa em seu próprio corpo. O culto à Paixão de Cristo foi inclusive, muito comum na trajetória de alguns místicos, porque traduzia a humanidade do Senhor em um momento paradoxal, quando a fragilidade corporal se contrapunha à fortaleza espiritual:

*[...] o Cristianismo empreendeu um amplo processo de síntese que supera a amortalidade do espírito e o renascimento sempre começado, através de um Deus que morre, ressuscita e sobe aos Céus, propiciando através de sua carne doravante tida como incorruptível, a ressurreição dos mortos e a redenção eterna (SOUZA, 2007: 50).*

A partir de 1884 os fenômenos de sangue serão freqüentes na vida de Maria de Araújo e em 1885 começam a aparecer os primeiros “estigmas” no corpo da beata, que aparecem na testa “a sair como de uma coroa de espinhos, nas mãos, como que cravos, no lado uma chaga [a lança] que só na Quaresma do corrente ano chegou a cicatrizar, jorrando desses estigmas copioso sangue” (SOUZA, 2007: 05). A experiência corporal mística será traduzida nesse espaço do maravilhoso através de uma linguagem do indizível. A dor, o sangue e o ardor

<sup>11</sup> CPR/CRA: 01,06. Carta de mons. Francisco R. Monteiro a D. Joaquim Vieira datada de Crato, 20.04.1890.

<sup>12</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “Cópia autêntica”, p. 04.

corporal são elementos que tentam traduzir o significado da experiência mística que abole a dualidade corpo-espírito. Para o místico o corpo é único: espírito e carne. E, portanto, a dor física não pode ser temida ou negada, como disse Jesus à Maria de Araújo:

*Que dias haveria que ela havia de sofrer tanto que se suporia [sic] dele abandonada, mas que assim não era; que se reanimasse em seu serviço e o seguisse, pois que, maiores que sejam os sofrimentos dessa vida são eles passageiros, declarando ainda que ela nesta vida nunca teria paz e nem alegria por quanto ele nunca as teve.<sup>13</sup>*

O espetáculo do corpo sofredor é, pois, elemento fundamental na estética de uma representação mística de origem barroca (Cf. CESAREO, 1999: 450). Neste teatro, o místico não pode temer seu corpo, no sentido de que não pode temer o sofrimento, pois este é um elemento fundamental da ascese mística, que marca a semelhança do corpo do místico ao próprio corpo de Cristo, corpo que suporta até as maiores dores, pois é sustentada pela força espiritual. Ter medo do próprio corpo seria, pois, sinal de fraqueza, de desgoverno dos sentidos e das paixões, de luxúria, algo que não era permitido ao místico: “No amor não há lugar para o temor: o perfeito amor expulsa o temor, pois o temor supõe o castigo, e o que teme não é perfeito no amor” (1Jo 4. 18). Neste sentido, as tentações e perturbações demoníacas fazem parte das provações pelas quais passam aqueles que devotavam sua vida a Jesus Cristo. Se a alma pertencia a Deus, o corpo físico era o alvo predileto do Diabo, pois até o próprio Cristo fora tentado insistentemente (Mt 4.1).<sup>14</sup>

A partir do episódio do sangramento da hóstia o corpo de Maria de Araújo tornava-se objeto de um conflito que inauguraria em Juazeiro um espaço sagrado. Unindo seu corpo ao próprio corpo de Cristo, Maria de Araújo tem seu corpo convertido em “materia theatri digna spettacolo” (DE LA FLOR, 1999: 205), isto é, seu corpo enquanto sede da alma tornava-se ele mesmo um teatro da reprodução da vontade de Cristo. É o espaço interior, do qual já falava Santo Agostinho, “eligiendo él mismo ese espacio interior, ‘vasto y profundísimo’, como lugar singular donde se opera el encuentro del alma con el señor y dueño de ese ‘mundo pequeño’, el mismo Dios” (*Ibidem*).

O corpo como sede da alma é, portanto “teatro anatômico” aonde se desenrolará todo o drama da vida interior, da vida devota. Em contrapartida, esse corpo místico (de Maria de Araújo) transforma-se no próprio corpo de Cristo que se manifesta e re-inaugura com a

---

<sup>13</sup> Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “Cópia autêntica”, p. 13.

<sup>14</sup> A tentação acontecia “quando a criatura sente desejos contrários aos ensinamentos de Cristo, que podem ir desde os maus pensamentos, até a deleitação consentida em planejar atos pecaminosos” (Cf. GARRIGOU *apud* MOTT, 1993: 130).

repetição de sua Paixão um espaço do espetáculo (o próprio Juazeiro onde as ações se desenrolam) que tem consciência de seu valor teatral e que marca a partir do uso da linguagem o mundo como representação: “Esta conciencia es un reconocimiento del otro, de sus usos, gestos y protocolos, pero también de si mismo como materialidade percebida por el otro” (CESAREO, 1995: 03).

Maria de Araújo desde os dezoito anos havia sido, segundo seu diretor, “vítima das mais graves tentações e perturbações de espírito, as quais todas convergiam para distraí-la da oração e inspirar-lhe receio das práticas de piedade, além de serem contrárias à Santa Virtude da castidade”.<sup>15</sup> Lutando contra esses desejos, a beata utilizava a oração, meditando principalmente sobre a Paixão de Cristo, embora “quanto mais intimamente se comunicava ela com o Divino Esposo, mais graves tentações e perturbações sofria da parte do Inimigo”.<sup>16</sup> Ainda nesse mesmo ano começam as primeiras aparições da Santíssima Virgem e de Jesus Cristo à beata, que confusa com a procedência daquelas visões pede ao Senhor um meio de reconhecer se aquelas visões seriam divinas ou demoníacas, pois acontecia de:

*[...] ter sido muitas vezes espancada por demônios que se disfarçavam, ora na pessoa de Jesus Cristo, ora na S.S. Virgem, ora em anjos e na do próprio confessor, das quais tentações e ilusões muitas, todas no sentido de distraí-la da vida interior.*<sup>17</sup>

Deste modo, tanto as visões de santos quanto as tentações demoníacas são constantes no processo de entrega espiritual, enquanto as primeiras manifestam o amor de Deus e trazem muitas vezes alento e consolo, as últimas possuem a função de desvirtuar o místico de seu caminho, tentando-o e perturbando-o a fim de fazê-lo desistir de sua missão. Os sofrimentos corporais e os estigmas viriam a selar um compromisso entre Jesus Cristo e a beata, o de “fazer daquele lugar uma porta do céu e um lugar de salvação para as almas”.<sup>18</sup> Esse compromisso seria consolidado ainda com a celebração de um consórcio espiritual realizado na Capela de Nossa Senhora das Dores, atual Matriz de Juazeiro:

*[Perguntada se] Jesus Cristo celebrou um consórcio espiritual com sua alma e de modo sensível? Ao que respondeu que sim, tendo-se celebrado o consórcio espiritual com Jesus Cristo na Capela do S.S. Sacramento, em presença de Maria S.S., de S. José, de coros de anjos e de virgens; tendo a isso precedido diversos preparativos, quais outros desposórios espirituais; então Jesus lhe introduziu no dedo o anel nupcial, deu-lhe a mão chamando-lhe esposa e confirmando-a como tal,*

<sup>15</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “Cópia autêntica...”, p. 03.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 03-04.

<sup>17</sup> Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In “Cópia autêntica”, p. 09.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 07.

*exigindo que a Ele se consagrasse de um modo mais íntimo ainda e anunciando-lhe que daí em diante teria mais que sofrer por seu amor.*<sup>19</sup>

A metáfora do casamento espiritual é relevante para entendermos o nível do compromisso estabelecido entre a divindade e Maria de Araújo, pois segundo ela mesma: “acendeu-se-lhe o coração num verdadeiro incêndio de amor [...]”.<sup>20</sup> O casamento espiritual simboliza um compromisso que se torna mais importante do que a vinculação com alguma ordem religiosa, o espaço da heterodoxia transcende aí o território da ortodoxia. O consórcio simbolizará ainda a própria consagração do espaço aonde mais tarde a hóstia viria a sangrar na boca da beata e a teatralização do casamento ratificaria a transformação do sobrenatural em espetáculo.

O que constitui a experiência mística é, portanto, esse transbordamento dos sentidos que se confirma a partir da união definitiva com a divindade. É uma experiência de extrema comunhão com o sagrado, e é antes de tudo uma experiência interior, através da qual o corpo se entrega aos arroubos eróticos da alma. Essa erotização se depreende ainda dos “colóquios” entretidos entre a beata e Jesus, nestes as juras de amor são tais que “com muita propriedade se poderia comparar com o dos Cânticos dos Cânticos”.<sup>21</sup> Da mesma forma, nos êxtases, as cenas descritas pelos narradores, traduzem igualmente um deleite, um gozo, uma perda dos sentidos ao “ver”, sentir a presença do ser amado:

*[...] tive a felicidade de ver Maria de Araújo, extática, toda arrebatada em Deus; a face virada para o Céu, olhos docemente cerrados, lábios entreabertos; não respirava, as mãos postas e um pouco erguidas, o rosto animado, que bem deixava traír o segredo de seu coração! Ela estava inundada de delícias, da pureza de amor Divino!*<sup>22</sup>

Segundo São Tomás de Aquino, o êxtase é a saída da alma, “uma saída fora de si mesmo” (VALENTE, 1991: 89). A saída, elemento que marca a experiência mística, obedece ao processo de independência da alma (em relação ao corpo físico) que confirma a união com o divino. Para São João da Cruz, “la experiencia de la noche, la salida de sí para llegar al punto en donde ‘nadie parecía’ en el que ha de realizarse la unión” (VALENTE, 1991: 94). Outros fenômenos, como as visões, as lágrimas de sangue, o sangramento de crucifixos de metal maciço irão acompanhar Maria de Araújo, durante sua curta trajetória de mística, mas, é o sangramento eucarístico que marcará a consumação do consórcio.

<sup>19</sup> Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 09.

<sup>20</sup> Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p. 04.

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> CPR/CRA 01,05: Carta de mons. Francisco R. Monteiro ao bispo D. Joaquim Vieira de 25.08.1890, Crato. Grifo nosso.



A entrega suprema de Maria de Araújo dá-se finalmente em seis de março de 1889 quando ocorre a transubstanciação da hóstia em sangue, o ponto alto do espetáculo. Os fenômenos vão, paulatinamente, convertendo Maria de Araújo em uma santa popular: “o povo que a cercava, tendo-a por santa, a contemplava cheio de admiração”.<sup>23</sup> Ela havia se tornado para os peregrinos um “oráculo de inspiração divina com poder de interceder junto a Deus” (DELLA CAVA, 1970: 79).

Em nove de setembro de 1891, a comissão reuniu-se com Maria de Araújo a fim de inquiri-la sobre os fenômenos. A principal preocupação da Comissão era constatar, se a beata possuía alguma doença que porventura estivesse provocando os sangramentos na hóstia. Ao ser questionada se possuía alguma enfermidade, Maria de Araújo responde que “sofria ligeiros incômodos de estômago” e que “desde a idade de dois anos começou a sofrer de ataques nervosos com maior e menor interrupção; tendo os ditos ataques cessado a cinco anos pouco mais ou menos”.<sup>24</sup> O argumento sobre o estado de saúde da beata será posteriormente usado contra ela pela Diocese. Daí a conclusão do bispo sobre o embuste dos fenômenos: “Eis o fato em resumo: - uma mulher reconhecidamente doentia, recebendo a comunhão, inquietou-se, agitou-se, fez contrações... afinal lançou uma porção de sangue com parte da Partícula nas mãos do padre Cícero”.<sup>25</sup>

A debilidade corporal do místico, no entanto, seria para Mario Cesareo, um dos fatores que fazem do corpo um espaço simbólico da materialização divina. A má-alimentação, o excesso de exercício corporal, as penitências e auto-flagelações estão no rol dos motivos que causam essa debilidade corporal e atendem ao caráter sacrificial da vida mística (CESAREO In MORAÑA, 1994: 194).

A comissão e os médicos examinavam a beata antes e depois da transformação da partícula, fazendo-a comungar de duas a três vezes para melhor observar a referida transformação, e a fim de provar que a beata não possuía nenhum ferimento na boca pelo qual pudesse sair sangue. Resultando que em todas as vezes, a boca e a língua da beata “conservaram-se perfeitamente limpas e sãs, já logo depois da extração da partícula”.<sup>26</sup> Os médicos não encontraram uma explicação científica satisfatória que os fizesse afirmar que os fenômenos ocorridos com Maria de Araújo eram provocados por alguma enfermidade física, bem como descartaram a possibilidade de histerismo, ao considerar que: “Maria de Araújo

---

<sup>23</sup> CRA 04,20: Carta do padre Alexandrino de Alencar a D. Joaquim Vieira datada de 20.11.1893, Crato In *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 243.

<sup>24</sup> Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 07.

<sup>25</sup> Carta Pastoral de D. Joaquim Vieira, datada de 25.03.1893 publicada em 14 e 21.05.1893 no Jornal A VERDADE, Ano II, n° 41. BPMP. Grifo nosso.

<sup>26</sup> Termo de verificação da 3ª. transformação da hóstia em 12.09.1891, In “*Cópia autêntica...*”, p. 17.

não tem convulsões de natureza alguma, não tem alteração ou mudança de caráter [...] não tem outras perturbações nervosas que possam fazer crer ser ela uma histérica”.<sup>27</sup> O resultado dessas averiguações foi exposto pelo padre Clicério no seu relatório final: “*Em abono da verdade sou obrigado a declarar aqui [...] que todo aquele que bem estudar o espírito de Maria de Araújo [...] excluirá toda a idéia de artimanha e de embuste nessas comunhões e partículas miraculosas ensanguentadas*”.<sup>28</sup>

O processo que até então se havia dado dentro do foro episcopal foi levado em 1893 a foro inquisitorial pelo bispo Dom Joaquim que resolveu encarregar a Santa Sé da conclusão final sobre os fenômenos de Juazeiro. Em 1894, ao receber a decisão da Santa Sé através do Internúncio Apostólico, Frei Jerônimo, Dom Joaquim afirma triunfante “não há mais lugar para evasivas; não há mais apelação” e em seguida reproduz a referida decisão:

*[...] Que os pretensos milagres e quejandas [sic] coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; por isso o juízo Apostólico os reprova e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados cumpre serem havidos.*<sup>29</sup>

Atuando, no entanto, como um espaço transgressor, Juazeiro será alvo de estratégias da Diocese cearense que tinha como objetivo extingui-lo, bem como provocar o esquecimento sobre Maria de Araújo e os fenômenos extraordinários. A beata foi condenada à reclusão e ao silêncio e assim ela morreu em 1914. Em 1930, o seu túmulo foi profanado e seus restos mortais sumiram para sempre, restando apenas uns fios de cabelo, um terço e pedaços do hábito com o qual fora enterrada. Neste teatro os sacrifícios são bem-vindos, mas somente às mulheres o silêncio será imposto.

---

<sup>27</sup> *Idem.*

<sup>28</sup> Relatório do Delegado Episcopal padre Clicério C. Lobo em 22.12.1891 in “Cópia autêntica...”, p.64.

<sup>29</sup> “Decisão e decreto da Sagrada Inquisição Romana Universal sobre os fatos que sucederam no Juazeiro, Diocese de Fortaleza. Na Congregação de quarta-feira, 4 de abril de 1894” In Carta Pastoral de D. Joaquim Vieira, datada de 25.07.1894, reproduzida em MACEDO, 1969: p.137-138

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

CESAREO, Mario. “Menú y emplazamientos de la corporalidad barroca”. In MORAÑA, M. *Relecturas del barroco de Indias*. Hanover: Ediciones del Norte, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jerónimo Mendieta: Razón Barroca, delirio institucional*. Revista Iberoamericana, 1999. 172-3.

CHARTIER, Roger. *À beira da Falésia: a história entre certeza e inquietudes*. Porto Alegre, Ed da Universidade/ UFRGS, 2002, p. 161.

DE LA FLOR, Fernando R. *La península metafísica: arte, literatura y pensamiento en la España de la Contrarreforma*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1999.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1976.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Império da Fé: andarilhas da alma na era barroca*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MACEDO, Nertan. *O Padre e a Beata: vida do Padre Cícero*. Rio de Janeiro. Ed. O Cruzeiro: 1969.

SARRIÓN, Adelina. *Beatas y endemoniadas: mujeres heterodoxas ante la Inquisición siglos XVI a XIX*. Alianza Editorial: Madrid, 2003.

SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. *Paixões em cena: a Semana Santa na cidade de Goiás (Século XIX)*. Tese de Doutorado em História. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em [www.tdbd.ceb.unb.br](http://www.tdbd.ceb.unb.br) . Acessado em 15.12.2008.

VALENTE, José Angel. *Variaciones sobre el pájaro y la red*. Barcelona: Tusquets, 1991.